

O Terror do Idêntico

Os tempos em que *o outro* existia passaram. O outro como mistério, o outro como sedução, o outro como eros, o outro como desejo, o outro como inferno, o outro como dor estão a desaparecer. Hoje, a negatividade do outro cede lugar à positividade do idêntico. A proliferação do idêntico é o que constitui as alterações patológicas que afetam o corpo social. O que o faz adoecer não é a retirada nem a proibição, mas sim o excesso de comunicação e de consumo; não é a repressão nem a negação, mas a permissividade e a afirmação. O signo patológico dos tempos atuais não é a repressão, é a depressão. A pressão destrutiva não vem do outro, provém do interior.

A depressão como pressão interna desenvolve traços de autoagressão. O sujeito que, ao ver-se forçado a contribuir em termos de rendimento, se torna depressivo agride-se de certo modo à paulada ou asfixia-se a si mesmo. Não é unicamente a violência do outro que se revela destrutiva. A expulsão do outro põe em marcha um processo destrutivo totalmente diferente: a *autodestruição*. A dialética da violência impera em geral: *um sistema que rejeita a negatividade do diferente desenvolve traços autodestrutivos*.

Devido à sua positividade, o poder violento do idêntico torna-se invisível. A proliferação do idêntico faz-se passar por crescimento. Mas, a partir de um determinado momento, a produção já não é produtiva, mas destrutiva; a informação já não é informativa, mas deformadora; a comunicação já não é comunicativa, mas meramente cumulativa.

Hoje, a própria percepção assume a forma de *Binge Watching*, de “visionamento bulímico”. O que designa o consumo de vídeos e filmes temporalmente ilimitado. Oferecem-se continuamente aos consumidores os filmes e séries que se adaptam por completo ao seu gosto — quer dizer, de que eles *gostam*. São alimentados de consumo como gado com qualquer coisa que acaba por se tornar sempre a mesma coisa. O *Binge Watching* pode ser entendido como o modo atual de percepção generalizado. A proliferação do idêntico não é cancerosa, mas comatosa. Não depara com qualquer defesa imunológica. O sujeito fica aturdido a olhar para o ecrã, até perder a consciência.

O que provoca a infeção é a negatividade do outro, que penetra na mesmidade causando a formação de anticorpos. O enfarte, pelo contrário, explica-se em função do excesso do idêntico, da obesidade do sistema: não é infecioso, mas adiposo. Não se geram anticorpos contra a gordura. Nenhuma defesa imunológica pode impedir a proliferação do idêntico.

A negatividade do outro dá forma e medida a uma *mesmidade*. Sem a primeira, produz-se uma proliferação do *idêntico*. O mesmo não é idêntico ao idêntico, surge sempre emparelhado com o diferente. Pelo contrário, falta ao idêntico o contrário dialético que o limitaria e lhe daria forma: cresce transformando-se numa massa amorfa. Uma mesmidade tem uma forma, um recolhimento interior, uma intimidade que se deve à *diferença relativa ao outro*. O idêntico, pelo contrário, é amorfo. À falta de tensão dialética, o que

surge é uma sobreposição indiferente, uma massa proliferante de indiscernível:

O Mesmo só se deixa dizer quando se pensa a diferença. Com o levar ao seu termo decisivo o diferente advém a luz da essência conjugante do mesmo. O mesmo afasta toda a busca que se limita somente a equilibrar o diferente no idêntico. O mesmo conjuga o diferente numa união originária. O idêntico, em contrapartida, dispersa na unidade insípida do que só é uno por ser uniforme.¹

O terror do idêntico atinge hoje todas as áreas vitais. Viajamos por toda a parte sem ter *experiência* alguma. Ficamos ao corrente de tudo sem adquirir com isso *conhecimento* algum. Buscamos ansiosamente vivências e estímulos com os quais, todavia, cada um continua *sempre idêntico a si mesmo*. Acumulamos amigos e seguidores sem experimentarmos nunca o encontro com alguém diferente. Os meios sociais representam um grau zero do social.

A interconexão digital total e a comunicação total não facilitam o encontro com outros. Servem antes para encontrarmos pessoas idênticas e que pensam de maneira idêntica, fazendo-nos passar de largo pelos desconhecidos e pelos que são diferentes, fazendo assim com que o nosso horizonte de experiências se torne cada vez mais estreito. Prendem-nos num anel interminável do eu e, em última análise, levam-nos a uma “autopropaganda que nos doutrina com as nossas próprias ideias”².

O que, em sentido enfático, constitui a experiência é a negatividade do outro e da transformação. Ter uma experiência

1 M. Heidegger, *Vorträge und Aufsätze*, Pfullingen, Günther Neske, 1954, p. 187.

2 E. Pariser, *Filter Bubble. Wie wir im Internet entmündigt werden*, Munique, Carl Hanser, 2012, p. 22.

com alguma coisa significa que isso “nos implica, nos arrasta, nos oprime ou nos anima”³. A sua essência é a *dor*. Mas o idêntico não dói. Hoje, a dor cede o lugar a esse *Gosto* que prossegue através do idêntico.

A informação está simplesmente disponível. O saber, em sentido enfático, é, pelo contrário, um processo lento e longo. Manifesta uma temporalidade totalmente diferente. *Amadurece*. A *maturação* é uma temporalidade que hoje perdemos cada vez mais. Não se compadece com a política dos tempos atuais, que, para aumentar a eficácia e a produtividade, fragmenta o tempo e elimina estruturas que são estáveis no tempo.

Até mesmo a essa profusão de informações que são os macrodados corresponde um saber muito escasso. Com o auxílio dos macrodados, podem averiguar-se correlações. A correlação diz: se se produzir A, então produzir-se-á muitas vezes B. Mas não se *sabe o porquê* de as coisas serem assim. A correlação é a forma mais primitiva de saber, não está sequer em condições de averiguar a relação causal, quer dizer, a concatenação da causa e do efeito. *É assim e ponto final*. A interrogação sobre o porquê está aqui a mais. Quer dizer: não *compreendemos* seja o que for. Mas saber é compreender. *É assim* que os macrodados tornam supérfluo o pensamento. Sem nos preocuparmos com outras questões, cedemos ao *é assim e ponto final*.

O pensamento tem acesso ao completamente outro. Pode interromper o idêntico. É nisso que consiste o seu carácter de acontecimento. Calcular é, pelo contrário, uma interminável repetição do mesmo. Diferentemente do pensamento, não pode engendrar um novo estado. *É cego aos acontecimentos*. Um verdadeiro pensar tem, pelo contrário, carácter de acon-

3 M. Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, Pfullingen, Günther Neske, 1959, p. 159.

tecimento. O “digital”, em francês, diz-se *numérique*. O numérico faz com que tudo se torne *numerável* e comparável. É assim que perpetua o idêntico.

O conhecimento revela-se, em sentido enfático, também transformador. Gera um novo estado de consciência. A sua estrutura assemelha-se à de uma redenção. A redenção faz mais do que resolver um problema: transporta os necessitados de redenção para um estado ôntico completamente diferente.

Em *Amor e Conhecimento*, Max Scheler assinala que, “de forma estranha e prodigiosa”, Santo Agostinho atribui às plantas a necessidade

de que os homens as contemplem, como se, graças a um conhecimento do seu ser guiado pelo amor, experimentassem alguma coisa de análogo à redenção.⁴

Se uma flor tivesse em si mesma a sua plenitude ôntica, não teria necessidade de que a contemplassem. O que significa que a flor tem uma carência, uma carência ôntica. O olhar amoroso, esse “conhecimento guiado pelo amor”, *redime-a* do estado de indigência, fazendo com que esse conhecimento venha a ser “análogo à redenção”. *O conhecimento é redenção*. O conhecimento entabula uma relação amorosa com o seu objeto enquanto *outro*. Nisso distingue-se da simples notícia ou informação, à qual falta por completo a dimensão da alteridade.

Há uma negatividade inerente ao acontecimento, porque este gera uma relação nova com a realidade, um mundo novo, uma compreensão nova daquilo que *é*. Faz com que, de súbito, tudo apareça a uma luz totalmente diferente. O “esqueci-

4 M. Scheler, *Liebe und Erkenntnis*, Francke, Berna, 1970, p. 28.